

**ENSAIO
SOBRE O**

CANCELAMENTO

**PEDRO
TOURINHO**



Planeta

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

**ENSAIO
SOBRE O**

CANCELAMENTO

**PEDRO
TOURINHO**



TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Copyright © Pedro Tourinho, 2024
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2024
Todos os direitos reservados.

Preparação: Fernanda Guerriero Antunes
Revisão: Edgar Costa Silva e Marianna Muzzi
Projeto gráfico e diagramação: Futura
Capa: Eduardo Foresti | Foresti Design

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
ANGÉLICA ILACQUA CRB-8/7057

Tourinho, Pedro
Ensaio sobre o cancelamento / Pedro Tourinho. - São Paulo :
Planeta do Brasil, 2024.
144 p.

Bibliografia
ISBN 978-85-422-2665-2

1. Liberdade de expressão 2. Ciências sociais I. Título

24-1201

CDD 303.38

Índice para catálogo sistemático:
1. Liberdade de expressão



Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo

2024
Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Planeta do Brasil Ltda.
Rua Bela Cintra, 986 – 4ª andar – Consolação
01415-002 – São Paulo-SP
www.planetadelivros.com.br
faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Capítulo 1.

Cancelamento: o que é, de onde vem?

Da encruzilhada de que partimos neste livro, é importante logo de saída um respiro para entender o surgimento do termo “cancelamento” e a jornada desse vocábulo, dessa expressão, no repertório da sociedade. Palavras têm também sua linha do tempo e, num momento de ultrapopularidade, quando a água está fervendo, tudo pode virar cancelamento, ou não.

Uma das primeiras referências ao uso dessa palavra, nesse contexto, data de 1991, ano em que estreou *New Jack City*, filme que alavancou a carreira de Wesley Snipes, Chris Rock e Ice T. Em uma cena, Nino Brown, gângster interpretado por Snipes, é desafiado pela sua namorada, que o acusa de ser um assassino. Depois de jogá-la à força contra uma mesa, ele despeja espumante no seu corpo ao mesmo tempo que diz: “*Cancel that bitch. I’ll buy another one*” – em português: “Cancela essa cadela. Eu vou comprar outra”. Por ironia, a palavra “cancelamento” compartilha seu DNA com um contexto misógino.

Corta a cena para 2014, mais especificamente para um episódio do *reality show Love & Hip-Hop: New York*, transmitido pelo canal de televisão VH1. Um dos participantes do programa, Cisco Rosado, fala para o seu par romântico durante uma briga sobre lealdade no relacionamento entre os dois: “*You’re canceled*” (“Você está cancelada”. O mais interessante é que Rosado revela ter assistido ao

filme protagonizado por Wesley Snipes na noite anterior ao desentendimento e lembrou de Nino Brown dizendo à sua namorada que ela havia sido “cancelada”. A referência de *New Jack City* ficou tão forte na sua cabeça que Cisco Rosado repetiu a fala na vida real – e, ao que tudo indica, num contexto similar ao do longa de 1991: o de reprimir a expressão feminina.

A repercussão da briga e da fala de Rosado nas redes sociais foi tamanha que, depois disso, o termo “cancelamento” começou a se difundir de modo coloquial via Black Twitter – nome dado à grande rede de usuários negros do Twitter que interagem entre si de forma orgânica – e foi ressignificado. Mulheres tomaram as rédeas e passaram a usar a seu favor não só a expressão, mas também a prática.

Já em 2015, a ideia de cancelar alguém ganhou ainda mais espaço como uma reação a atitudes, comportamentos ou falas de pessoas – em geral, amigos, parentes ou conhecidos – com as quais os usuários não concordavam ou desaprovavam. Essa reação costumava acontecer jocosamente ou, com menos frequência, com caráter sério, repreensivo.

De post em post, “cancelamento” evoluiu e foi tomando forma. As respostas deixaram de ser apenas direcionadas a aqueles que faziam parte do círculo social íntimo dos usuários, voltando-se para celebridades e organizações que veiculassem ofensas ou tivessem comportamentos problemáticos (violentos, racistas e homofóbicos, por exemplo). As sementes da dinâmica do cancelamento estavam germinando, esperando para serem batizadas.

Dessa forma, e fazendo uma ligação direta com os movimentos negros das décadas de 1950 e 1960, o cancelamento nas redes passou a ser, sim, uma forma de boicote.

A ideia de cancelar o que está errado, o que está fora do espírito do tempo, o que ofende, agride, engatilha. Cancelar e constranger na mídia social pessoas e instituições que são intocáveis pela justiça e pelas leis. Liberdade de expressão, única ferramenta disponível para o jovem preto, como disse Mano Brown. Já que não será preso, multado nem penalizado, que seja exposto e constrangido.

É na esteira da palavra “cancelamento” que o jogo da narrativa virou em torno de 2017, quando, depois de anos de aprendizados e conexões, grupos identitários tomaram para si a força que tinham nas redes e puderam compartilhar em massa suas experiências pessoais, gerando conexão coletiva e força algorítmica. Sistemas de opressão começaram a ser contestados de forma mais organizada, e pessoas brancas, figuras públicas – em especial, homens héteros –, acostumadas com sua posição aparentemente inabalável de poder, foram as primeiras a serem canceladas. Eis o batismo do cancelamento como uma dinâmica que aponta, constrange e isola o agressor.

A palavra ganhou um novo sentido, pois passou a nomear também algo novo. Nada é por acaso. Uma palavra carrega todas as marcas da sua gênese, e, para melhor entendimento, é importante resgatar todo o caminho de sua construção, para além do fato recente em si. Entender a origem nos ajuda também a compreender a força que esses termos adquirem.

Discuti isso em *Eu, eu mesmo e minha selfie*, meu primeiro livro, quando tratamos do fenômeno das selfies. Na aparência, a selfie é apenas outro nome para o antigo autorretrato, outra forma de se retratar. Ou um autorretrato da era dos celulares. No entanto, não é apenas isso. A própria história da fotografia, bem como a tecnologia e o ambiente

virtual de hoje, permitiu uma megadifusão do “autorretrato digital” e modificou a relação que cada um de nós tem com a própria imagem – e, portanto, a essência da imagem.

A selfie não é apenas uma “selfie”. Observando o andar da sua pré-história, entendemos como ela deu ao autorretrato uma nova função: por meio dela, pessoas antes anônimas ganharam mais visibilidade, passaram a criar uma identidade e uma história, confundindo as esferas pessoais e digitais, o público e o privado. O termo “selfie” serve justamente para apontar o sentido que a cultura digital deu ao autorretrato na era da sociedade do espetáculo, do narcisismo e do culto às celebridades.

Acontece o mesmo com o cancelamento. Sempre existiram práticas de *shaming and blaming*, a estigmatização de pessoas e grupos, assim como a exclusão da vida em comunidade por algum ato ou falta cometida. São ferramentas antológicas de controle social com base nos interesses de quem está no poder. O cancelamento de hoje ganhou popularidade por estar num contexto inteiramente novo: a confluência do engajamento social de grupos identitários e do engajamento algorítmico possibilitado pelas redes sociais. Portanto, como ocorre com a selfie em relação ao autorretrato, o cancelamento é um vetor que tem antecedentes históricos, mas, até mesmo por inverter na sua direção, não deve ser confundido com eles.

Reivindicações de grupos marginalizados não são novidade. Diversas são as formas de insurgência de grupos oprimidos: da revolta de pessoas escravizadas lideradas por Espártaco na Roma Antiga à revolução liderada por Toussaint Louverture no Haiti; do movimento feminista à rebelião gay de Stonewall, na Nova York de 1969; do Quilombo dos

Palmares à luta pelos direitos civis de negros nos Estados Unidos a partir dos anos 1950.

Por vezes vitoriosos em campo, no âmbito da comunicação de massa esses grupos nunca conseguiram se impor totalmente. Conquistaram liberdades e direitos, às vezes depois de séculos de mobilização, mas, do ponto de vista do discurso hegemônico, permaneceram restritos às bolhas progressistas e seus respectivos canais e universos, como nas paradas do orgulho gay; em editoras de livros de literatura feminista, LGBTQIAP+ ou afrocentradas; nos festivais e circuitos alternativos de teatro e cinema; em revistas e jornais ativistas e, muitas vezes, clandestinos.

Só recentemente esses movimentos conseguiram se fazer ouvir, ter voz plena, conquistar amplo espaço nos meios de comunicação. Deixaram de apenas ser notícia para *fazer e difundir* a notícia – e não só em veículos de imprensa segmentados. É o poder de pautar o debate, e não ser refém da pauta alheia. Isso acontece quando os movimentos de minorias sociais e políticas encontram nas redes sociais um ambiente que potencializa seu engajamento e suas reivindicações. A voz dos grupos oprimidos transbordou da cultura digital para os meios de comunicação convencionais, para o mundo corporativo, para as instituições e mesmo para as estruturas de Estado.

Grupos que, aliás, passaram a ser chamados de “grupos identitários”, em mais um caso no qual o surgimento de uma expressão linguística revela um contexto novo, que modifica e amplifica referências e práticas do passado. Assim como o conceito de cancelamento surge associado às redes sociais e aos grupos identitários, esses grupos ganham essa denominação ao fazerem valer seu peso social e político por meio das redes.

Como não há política sem cultura, não há cultura sem identidade.

Prevaecem ainda por toda parte a desigualdade econômica e a exclusão política desses grupos. O sistema reage com força, daí a volta da mobilização da extrema direita e sua disputa cada vez mais veemente por poder. E por isso mesmo o cancelamento surge, nesse âmbito de redes sociais e grupos identitários, como um ensaio de antídoto anti-*establishment*, com a possibilidade concreta de provocar mudanças nos mecanismos de exclusão social, política e econômica, pois provocam mudanças reais de expressão e comportamento.

Tudo isso é novo na história da humanidade, e vai demorar até compreendermos a verdadeira dimensão do crescimento da cultura digital. Para quem nasceu na era da internet, a história anterior, “analógica”, parece uma pré-história, como aquele longo período que precedeu a invenção da escrita e a própria noção de civilização. Em tempos de comunicação digital, as formas anteriores de transmissão de notícias e conhecimento parecem mesmo com a pré-história. E o alcance dos movimentos sociais do passado, em termos de comunicação, parece menor em comparação com o que acontece hoje. Será que era mesmo?

O cancelamento se insere nesse contexto de mobilização algorítmica e ativista digital que influencia de eleições municipais a cúpulas de Estado, mudando até o destino de conflitos e guerras. Movimentos de apontar, constranger, isolar e punir ideias dissidentes existem há séculos, só que exercidos por quem dominava todo o poder social. Vamos passar por alguns deles aqui, sobretudo para demonstrar o uso político de ferramentas

de controle político, social e de classe e o movimento de reequilíbrio de formas de expressão social no início deste século, que é o tema do qual tratamos aqui.

